



PERSPECTIVAS DO USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19: Possibilidades, inclusão sócio digital e desafios no Ensino Superior

Judith Anteles Moreira¹ (Universidade Federal do Pará) [Email-judithantelasmoreira@gmail.com](mailto:judithantelasmoreira@gmail.com)

Gleycy Kellen Gomes Leão² (Universidade Federal do Pará) [Email-gleycykellen.17@gmail.com](mailto:gleycykellen.17@gmail.com)

Leonardo Zenha Cordeiro³ (Universidade Federal do Pará) Email- leozenha@ufpa.br
GT 2: Educação e Comunicação

Resumo:

Esta pesquisa está inserida no contexto do avanço da pandemia do Covid-19 no Brasil e todas as suas implicações no campo educacional, e objetiva investigar as práticas de uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no contexto do fenômeno da cibercultura no período de isolamento social e pós-pandemia e os desafios e contradições vividos e experienciado durante o ensino remoto nas atividades realizadas pelas universidades durante a pandemia. O referencial teórico metodológico considerou as investigações através de análise multirreferencial, qualitativa e utilizando uma abordagem multifacetada pelo cotidiano vivido e experienciado nas redes. Diante disso, chegamos à conclusão de que o avanço da pandemia do Covid-19 no Brasil, com todas as suas implicações no campo educacional, trouxe limites e desafios com a implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE), problemas que já estavam presentes na realidade da educação brasileira e só mostrou fraturas de maneira mais explícita.

Palavras-chave: TIC. Cibercultura. Pandemia. Ensino Remoto.

1 Introdução

Este trabalho é resultado ainda que parcial de uma pesquisa financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Federal do Pará e está inserida no contexto do avanço da pandemia do Covid-19 no Brasil e todas as suas implicações no campo educacional, numa perspectiva multirreferencial, cuja abordagem na visão de Ardoino (1998) apud Martins (2004, p. 85-87), possibilita a compreensão dos fenômenos sociais, numa série de abordagens, assegurando que elas não se resumem apenas a um tipo de conhecimento.

A pesquisa tem uma abordagem considerando o contexto da cibercultura e a emergência das práticas em redes. Entendendo a cibercultura como um fenômeno que envolve em consonância de forma orgânica com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e ao serem distribuídas se misturam com outras informações, ganhando destaques e

¹ Bolsista PIBIC- graduanda em licenciatura em Pedagogia

² Bolsista PIBIC- graduanda em licenciatura em Pedagogia

³ Coordenador do projeto PIBIC- Dr e Professor titular da Universidade Federal do Pará

consequentemente gerando saberes e culturas diferentes. Para Santos; Alves e Oliveira (2018), é essa cultura acessível e comunicativa que nos transforma em sujeitos da nossa própria história, buscando sempre moldar aquilo que encontramos nas redes e nas comunidades, expressando e aprendendo com diversas pessoas em lugares e culturas diferentes.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar/descrever/refletir a utilização de práticas inventivas e suas possibilidades, bem como com os usos das Tecnologias da Informação e Comunicação na educação em disciplinas da graduação do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), e em outros espaços de eventos de extensão: lives, eventos esporádicos e toda a potência multiplicada por professores, coletivos, universidades e projetos formais e informais nesse período da pandemia.

Como metodologias de pesquisa, utilizamos como base teórica-metodológica de forma geral a abordagem da metodologia qualitativa e utilizando uma abordagem multifacetada pelo cotidiano vivido e experienciado nas redes. Utilizamos como perspectiva metodológica diversas, diante de múltiplas interfaces e outras bricolagens de métodos. E para superar uma visão instrumental da pesquisa, utilizamos também (LARROSA, 2002, p. 21-24) na perspectiva da experiência, onde o autor afirma que “experiência é o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca [...]. A experiência é um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”.

Nesse sentido, concordamos com Larrosa, já que estamos imersos nesse processo porque vivenciamos essa experiência devido ao isolamento social cotidianamente. Nesse caminho foi feito um levantamento de trabalhos/artigos/pesquisas que abordem as questões educacionais, colocando os limites impostos pela pandemia na realização do Ensino Remoto Emergencial (ERE) na Educação Superior (ES) e dos estudos que estão sendo realizados na área. Depois trouxemos às experiências significativas dos sujeitos: professores e estudantes envolvidos nesse processo com seus problemas e desafios, tendo como instrumentos múltiplos referenciais como: questionários semi estruturados além da imersão no campo da pesquisa, não separados da vida cotidiana.

2 Cibercultura e a emergência de práticas em redes: Referenciais Teóricos/Prático

O avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação no século XXI, promoveu uma grande revolução na sociedade em diversos setores, desde a indústria à educação, economia e em diferentes setores. Na medicina propiciou a criação de especialidades como a telemedicina, que contribuiu para o fornecimento de laudos a distância e na educação

possibilitou novas práticas pedagógicas que favoreceram o ensino e aprendizagem dos estudantes. Contudo, apesar dessas transformações sociais, existem diversas contradições. Se por um lado, ela proporcionou uma série de avanços na economia: como o aumento da produtividade; por outro lado, ocasionou mudanças como por exemplo, nas relações de trabalhos e conseqüentemente mais precarização.

Contudo, não podemos negar que as transformações na sociedade proporcionada pelas TIC (termo que usaremos em todo o texto), fomentou as práticas de socialização e comunicação das pessoas, permitindo que novas linguagens fossem criadas e produzidas, isto é, novas formas de receber e transmitir informações, a partir de uma cultura compartilhada por meio das redes, computadores e outros suportes tecnológicos denominados por diversos autores de cibercultura.

Para a entender esse processo, não se pode olhar para o fenômeno a partir do uso instrumental das TIC, mas, considerar os usos contemporâneos mediados pelas tecnologias digitais em rede (CASTELLS, 1999) e no ciberespaço (LÉVY, 1999).

Podemos considerar que a cibercultura emerge dos resultados que surgem a partir das mudanças ocorridas nos processos de relação social, em decorrência do desejo da sociedade pelo uso das ferramentas tecnológicas. Uma sociedade moderna e ou nativos digitais que foi criada a partir dos princípios subjetivos de uma administração preocupada em manter as relações sociais e que nos proporciona uma certa aproximação em rede, seja por meio de aplicativos de conversas ou vídeos. "Tendo em vista, que a cibercultura é, por assim dizer, um território recombinate, [...] que hoje em expansão com as tecnologias de comunicação sem fio, fomenta as novas práticas combinatórias nas cidades contemporâneas" (LE MOS 2002, p.261).

Paralelo a essas transformações, a revolução tecnológica contribuiu de maneira significativa para que as instituições de ensino fossem desafiadas a pensarem em uma nova compreensão de ensino, ainda que exista múltiplas formas de usar as tecnologias desde as mais tecnicistas as mais contextuais, e ainda que houvesse uma forte resistência por parte de alguns educadores tradicionais, seja nos currículos ou nas diferentes visões de mundo e das escolas, o professor precisou dar conta do espírito do nosso tempo e para nele atuar através de metodologias ativas que reinventaram os processos de ensino e aprendizagem de seus alunos.

O que sabemos de antemão é que com a pandemia esse uso das redes, das TICs e as possibilidades de aplicativos e múltiplas plataformas, aumentaram no uso do cotidiano das pessoas, provocando por exemplo, um aumento de 83% do uso do Whatsapp - principal ferramenta tecnológica mais utilizada pelos professores e alunos para o acesso às aulas remotas, segundo estudos realizado pela Fundação Lemann, Itaú Social e Imaginable Futures (2020)".

Essa nova realidade, é evidenciada a partir de dados e constatações científicas na comparação entre diversos países a existência de um ineditismo atual, que segundo Arruda (2020), surgiu a partir de decisões voltadas ao isolamento social em larga escala [...]. Tal confinamento na qual não estava previsto pelos países, provocou um descontentamento em diversos setores sociais, uma vez que, com a falta de conhecimento da sociedade sobre o novo coronavírus e a sua rapidez de contágio, não foi possível desenvolver um planejamento eficiente que pudesse acolher os sujeitos envolvidos no contexto educacional.

Logo, a presente pesquisa se inseriu no contexto do avanço da Covid -19 no Brasil e todas as suas implicações no campo educacional, pretendendo perceber os desafios enfrentados pela educação formal (GOHN 2006) com os diversos usos tecnológicos criados durante pandemia e os possíveis impactos pós-pandemia, que serão analisadas a partir de um mosaico de informações estruturado a seguir.

3 Mosaico da investigação fonte da pesquisa

No cenário da educação brasileira já estavam presentes diversas contradições sejam nos âmbitos, social, econômico, cultural, político e pedagógico. Nas escolas e nas universidades, as atividades cotidianas refletem essas contradições de diferentes formas, como por exemplo, as dualidades geracionais das relações entre professor e aluno, gerando diversos desafios a serem enfrentados. Nesse sentido, quando se pensa educação e tecnologias potencializadas pela pandemia do Covid-19, algumas fraturas pré-existentes tornaram-se mais nítidas como: a falta de acesso à internet e as tecnologias para o acesso as aulas online, tornando nesse sentido, a necessidade de diversos olhares para entendermos as diferentes formas de inclusão e exclusão digital quando relacionados a processos formativos.

Discussões que nos levou a acreditar na necessidade de uma investigação de análise multirreferencial com foco nos usos das TICs na educação diante dessas mudanças, no intuito de perceber e desmistificar conclusões precipitadas sobre essas práticas, no contexto da cibercultura e problematiza-las com um novo olhar diante de tantos desafios na qual já estamos vivenciando nesse um ano de pandemia e de isolamento social, das diversas modificações feitas por conta do fechamento dos estabelecimentos comerciais e educacionais e analisar o uso das práticas inventivas e os desafios do uso das TICs por professores e alunos tanto na Educação Básica quanto na Educação Superior.

Nesse sentido, o texto abaixo será estruturado da seguinte forma: no primeiro item definido como: “Dados gerais e outras pesquisas”, abordaremos questões sobre a pandemia, questões que abordem o ensino remoto durante a pandemia apontando as desigualdades estruturais do país que refletem diretamente no ensino qual seja: acesso as redes, condições de trabalho dos professores, questões pedagógicas e o uso das tecnologias digitais para o acesso as aulas online. No segundo item “A explosão das lives como fontes de pesquisa”, abordaremos as lives para além das universidades como importante fonte de debates, permitindo o diálogo entre seus pares, aproximando-os da comunicação e da formação com a comunidade acadêmica, e no terceiro item definido como “Questionários com estudantes do curso de pedagogia”, traremos para o debate percepções sobre as potencialidades e os desafios vivenciados pelos alunos do curso de pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA) no ensino remoto.

3.1 Dados gerais e outras pesquisas

A pandemia do novo coronavírus, nome dado à doença causada pelo SARS-Cov 2, teve seu primeiro caso confirmado em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019. Desde então, novos casos começaram a se espalhar pelo mundo, sendo confirmado o primeiro caso de infecção no Brasil em fevereiro de 2020 no estado de São Paulo. A partir de então, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto da doença como “pandemia”. (BARRETO, 2020).

Dessa forma, com o início da pandemia do Covid-19, houve a necessidade do isolamento social, a fim de combater a proliferação do vírus. Com isso, as escolas do Ensino Básico e do Ensino Superior tiveram suas atividades paralisadas. “No Brasil, entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na Educação Básica e Superior, 35% (19,5 milhões de estudantes) tiveram as aulas suspensas” (CHAGAS,2020). A ausência de professores em sala de aula resultou na necessidade da implantação do sistema de Ensino Remoto Emergencial (ERE) nas escolas, através da portaria 342 de 17 de março de 2020 do Ministério da Educação (MEC), que no exercício das suas atribuições dispôs da substituição das aulas presenciais por meio dos diversos usos tecnológicos, sendo de responsabilidade das instituições a definição das disciplinas que poderiam ser substituídas, a disponibilização das ferramentas aos alunos que permitissem o acompanhamento dos conteúdos ofertados e a realização das avaliações durante o período de autorização da portaria.

Diante desse cenário pandêmico, os educadores em geral foram desafiados a se reinventarem sob uma nova forma de educar ou ensinar através das imposições feitas a eles pelo ERE, tais como a reconstrução do planejamento, levando em consideração as adequações

e exigências que foram propostas a eles. Essa realidade, que forçou a maioria de professores e estudantes a permanecerem em casa, um dos espaços para a interatividade, formação e informação com o mundo externo foi a utilização intensiva da internet e das TICs. Vídeos, áudios, lives, videoconferências, Webinar em diversas plataformas abertas como a Rede Nacional de Pesquisadores (RNP) ou corporativas, como o Google meet e outros dispositivos (ARDOINO, 1998) tecnológicos estão entre os recursos mais utilizados por muitas famílias no cotidiano do isolamento.

A situação emergencial da pandemia da covid-19, provocou mudanças no trabalho dos professores, principalmente no que diz respeito à disponibilização de carga horária a esses educadores, que permitiu que o tempo disponível para a produção das aulas se multiplicassem. Desse modo, os professores passaram a gastar mais tempo para produzirem as aulas remotas e se adequarem às plataformas digitais, a fim de que o ensino mediado pelas tecnologias digitais atendesse às necessidades específicas dos alunos, mediado de forma quase que integral dividido pelo tempo espaço, ou seja, o professor em um espaço e o estudante em outro. No entanto, diante do fechamento das escolas e de outros espaços educacionais de convívio social, quando se trata do acesso à internet e dos diferentes dispositivos digitais, algumas fraturas pré-existentes tornaram-se mais nítidas.

De acordo com a Agência Nacional Telecomunicações (ANATEL), 28% dos municípios – a maioria deles no Norte e Nordeste, e correspondentes a 7,4% da população brasileira – não contam com estrutura de conexão por fibra ótica, e outros 19% têm apenas conexões em baixa velocidade. Embora não encontremos esses dados especificamente por regiões e municípios, de acordo com o Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada (Ipea, 2020), a falta de acesso à internet é maior no meio rural e tem prejudicado principalmente os estudantes negros e de baixa renda.

No campo de acesso sociodigital e os problemas que emergiram nesse novo cenário é apenas uma exposição dos problemas que a educação no país vem enfrentando nos últimos anos, devido à falta de políticas públicas, principalmente de inclusão digital. A pandemia ainda escancarou uma realidade na educação que precisa ser melhorada com urgência, para a garantia do direito de aprendizagem de qualidade dos estudantes, seja no cumprimento do calendário escolar, seja para que os professores possam forjar um novo ambiente de ensino mediado pelo digital em rede.

Podemos assim dizer que o novo cenário educacional, permitiu que estudantes e professores estejam vivendo um novo normal na forma de educar e de se relacionar com os conteúdos, e, portanto, Gusso, *et al* (2020), afirma que toda a comunidade acadêmica está sendo

severamente impactada e, continuamente, busca-se formas de lidar com a realidade que afeta as pessoas não só no seu processo de aprender a aprender, mas nos aspectos físicos, emocionais e sociais, diante da crise mundial instalada.

Por isso, faz-se necessário novas formas de refletir sobre esse novo ensino, assim como também as novas exigências que a educação está propondo nesse momento. “Universidades, departamentos acadêmicos e cursos universitários, precisarão se adequar para reduzir danos pedagógicos e riscos à saúde pública, garantindo a manutenção de uma educação em nível superior de qualidade e segura” (GUSSO, *et al.* 2020. p, 03). Podemos destacar ainda como importante o processo formativo dos professores para que eles possam desenvolver habilidades e competências no uso das tecnologias digitais, a fim de que eles consigam acessar os ambientes formativos.

Porém, para que isso aconteça é preciso que o poder público junto às secretarias de educação disponibilize formação adequada para que os professores possam trabalhar pedagogicamente com as tecnologias presentes no nosso dia a dia, e conseqüentemente, aprender também a ensinar os alunos. Nesse contexto quase que mais desfavorável algo vem acontecendo. Esse cenário promoveu o surgimento de novas oportunidades no universo digital, onde as famosas “lives” apareceram como um recurso digital fazendo parte do nosso cotidiano, e as Instituições de Ensino Superior (IES) principalmente, se apropriaram delas para promover conferências on-line, webinar e fóruns educativos como forma de contribuir com a ciência e com a educação.

3.2 Explosão das lives como fonte de pesquisa

Para além dos limites e desafios na educação superior ocasionada pelo ERE, as possibilidades surgiram nesse momento, ainda que com condições mínimas necessárias para viabilizar um ensino de qualidade. Dessa forma, o ensino remoto emergencial colocou as universidades a frente de um debate muito importante, permitindo o diálogo, a comunicação e a formação com as comunidades e estudantes através das lives, uma vez que devido ao isolamento social passamos a ficar muito mais tempo conectados as redes sociais e as plataformas de comunicação on-line, tanto para estudar, trabalhar ou mesmo interagir com as pessoas.

Para Santos (2020), as famosas “lives” apareceram com suas práticas inventivas no ensino remoto emergencial, como um recurso digital fazendo parte do nosso cotidiano, e as Instituições de Ensino Superior (IES) principalmente, se apropriaram delas para promover

conferências on-line, webinar, fóruns educativos ou simples reuniões que começaram a virar moda.

Zenha, Correa e Almeida (2021), afirmam que nesse contexto as oportunidades de inclusão digital aparecerão como uma crescente influência cultural e sociotécnicos de acordo com as identidades e rumores dos indivíduos. Porém, de forma contraria, esses mesmos processos acabaram proporcionando mais desigualdades digitais, devido as distâncias e as especificidades locais de cada região.

A esse respeito, entendemos que a revolução tecnológica também contribuiu para que as instituições de ensino fossem desafiadas a pensarem uma nova compreensão de ensino, ainda que existam múltiplas formas de usar as tecnologias desde as mais tecnicistas as mais contextuais, sejam pelas pessoas, instituições, seja nos currículos, nas diferentes visões de mundo e das escolas, em que o professor precisasse se dar conta do espírito do nosso tempo para nele atuar.

O que sabemos de antemão é que com a pandemia esse uso das redes, das tecnologias e as possibilidades de aplicativos e múltiplas plataformas, aumentaram no uso do cotidiano das pessoas, através das lives se materializando e revelando uma comunicação entre as pessoas. Dessa forma podemos afirmar que:

“A as lives surgiram no meio acadêmico com interação direta em diversas plataformas paralelo com outras interfaces de textos, a exemplo dos *chats* (salas de bate papo) levando e reconfigurando para o ciberespaço eventos científicos já praticados em nossas universidades, como: palestras, conferências, mesas, rodas de conversas, encontros de e entre grupos de pesquisa, aulas, entrevistas. A única diferença agora é que estamos geograficamente dispersos e praticando outras formas de presencialidade em rede de forma coletiva e atingindo outros públicos. (SANTOS, 2020, p.07)

Nesse sentido, a utilização das lives como fonte de pesquisa, teve como objetivo assistir cinco lives de cada universidade federal das cinco regiões do país, e trazer para o texto diversos autores que estudam e debatem sobre tecnologias na educação suas práticas inventivas no ensino remoto emergencial como recurso para a ampliação das possibilidades dos docentes e discentes de ampliarem seus olhares sobre o uso das tecnologias digitais e a sua influência não só na educação como também na cultura, nas práticas formativas dos jovens e na maneira como os educadores estão percebendo e sendo desafiados pelas práticas inventivas gerenciadas pelas tecnologias e pelo ensino remoto.

No fenômeno das lives como espaço de debates, a live **UFPA em tempos de crise**, da Universidade Federal do Pará (UFPA), trouxe por meio da reitoria e da seção sindical da universidade, discussões em torno da defesa das universidades públicas, reafirmando o papel

da instituição com a sociedade e dos trabalhos realizados para promover a fusão de todas as ciências, para que elas juntas dialoguem e produzem conhecimentos e reafirmando a intensificação desses debates.

A live; **Ensino superior na pandemia: da precarização das condições de ensino ao desconhecido desenvolvimento de comportamento** da Universidade Federal do Paraná (UFPR), os reitores trouxeram debates no que diz respeito as atividades do ensino remoto, reafirmando o papel social das universidades e a precarização das condições do ensino remoto na educação superior ao desconhecido desenvolvimento de comportamento. Os reitores das universidades também expressaram seus desafios em realizar as atividades remotamente, sendo os principais a falta de infraestrutura, de acesso, de formação dos professores e alunos, condições para adaptar ou planejar o ensino na modalidade on-line e suporte aos professores e alunos.

Na live; **Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes**, da Universidade Federal da Bahia, os educadores da área das tecnologias debateram acerca do ensino nesse período de pandemia, no que diz respeito à formação de professores, sobre a educação on-line e a democratização do acesso as redes. Para o palestrante Machado (2020), a pandemia trouxe um grande problema para a educação que deverá ser pensado quando tudo isso acabar - o de como vamos viver a formação a partir desse problema que se aguça com a irresponsabilidade com qual o país vem sendo tratado acerca desses conhecimentos, uma vez que o trabalho docente nesse cenário é fundante para que processos profissionais não sejam abstrações. Esse evento acontecimento que nos leva a trabalhar on-line em termos transversais já é uma aprendizagem de extrema importância para que pensamos de forma refinada e a aprofundada do que se trata essa experiência.

Na live; **Desafios do ensino de graduação em tempos de pandemia**, a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), os gestores debateram sobre os desafios do ensino superior na pandemia devido à falta de contato com a modalidade do ERE, porém, afirmaram que houve ganhos significativos na flexibilização dos componentes curriculares para a oferta do ERE. Um dos primeiros desafios foi o medo dos profissionais em aderirem a essas plataformas digitais e a falta de compreensão do ensino remoto com o ensino a distância, o que gerou muitas discussões entre as universidades. A saúde mental também se constitui com um desafio que permeia não só o antes, mas o durante e o depois da flexibilização do ensino.

Na live; **Impactos da pandemia na educação superior** a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), trouxe para o debate os desafios do ensino de graduação em tempos de pandemia, mas, trazendo como conquista principal ações de inclusão de alunos com deficiência,

no ensino remoto. No que concerne as ações desenvolvidas pela instituição a principal delas esteve ligada a inclusão de alunos com deficiência, ou seja, proporcionar equipamentos digitais que pudesse atender as necessidades especiais desses alunos para que eles pudessem ter acesso as atividades remotas. Também foram desenvolvidas ações virtuais para disponibilizar formação adequada para o uso das ferramentas digitais tanto para os docentes quanto para os discentes.

Assim como as demais instituições, os principais desafios nesse período pandêmico foram as dificuldades de acesso aos meios digitais, visto que muitos dos docentes e discentes se encontram em sistema de vulnerabilidade socioeconômica, além da falta de formação dos profissionais para utilizar os meios tecnológicos e plataformas digitais para ministrarem as aulas. Logo, "aumentar o grau de acesso e de qualidade da oferta do ensino superior por meio das tecnologias neste momento é um dos maiores desafios da história recente nas universidades" (GUSSO, 2020)).

Portanto, podemos dizer que as lives tem contribuído para divulgação dos trabalhos realizados pelas universidades, debatendo sobre os desafios que a pandemia tem causado no ensino superior e as precarizações do ensino, expressando seus desafios em realizar as atividades remotamente, sendo os principais: a falta de infraestrutura das instituições, de acesso à internet e as tecnologias, a falta formação dos professores e alunos, condições para adaptar ou planejar o ensino na modalidade on-line e suporte aos professores e alunos. Por outro lado, em um curto espaço de tempo, os professores expressaram através das lives que o ERE contribuiu para a redução do medo do uso das TICs, muitos professores têm descoberto coisas interessantes que contribuem para o ensino e aprendizagem dos alunos, e sobretudo, desenvolvendo repertórios e habilidades quanto ao uso das tecnologias que podem contribuir ou servir de apoio ao ensino presencial no pós-pandemia.

3.3 Questionários com alunos do curso de pedagogia

Para além dos debates nas lives, ainda foi preciso entender o processo de ensino e aprendizagem nesse período pandêmico num micro contexto. Para isso, foram realizados questionários com os discentes do curso de pedagogia, a fim de compreender os desafios enfrentados por eles, seja na falta de acesso à internet, seja na falta de tecnologias digitais para assistirem as aulas online. Desse modo, foi realizada uma pesquisa pelo Centro Acadêmico do curso de pedagogia (Cape) do Campus Universitário de Altamira, a fim de compreender as proposições para a oferta do Ensino Remoto Emergencial. Utilizando-se dos dados da

Faculdade de Educação (FAE), atualmente há seis turmas do curso de pedagogia com período letivo suspenso devido a pandemia do Covid-19.

Destas, apenas cinco fizeram parte desta pesquisa, haja vista que uma delas mostrou interesse unânime em aderir ao ERE devido ao prazo de conclusão do seu curso. As demais que fazem parte do universo da pesquisa comportam aproximadamente 155 estudantes integralizando disciplinas. Dos 99 estudantes consultados na pesquisa correspondente a 63,8% do total de discentes, no que concerne a disponibilidade de ferramentas tecnológicas para a realização das atividades remotas, 49% dos pesquisados não possuem computador (desktop ou notebook). Desse total, 1% também não possui celular.

A pesquisa ainda aponta que 32% dos estudantes não têm acesso à internet banda larga de qualidade. Os demais não possuem (24,2%) ou possuem, mas a internet é instável (21,2%) ou possuem, mas a internet é lenta (22,2%). Do total de respondentes, 67,7% não tem acesso ou tem algum problema que implica diretamente na participação do ERE com qualidade, pelo menos em atividades síncronas. Isso é constatado nos seguintes dados: 48,5% dos estudantes não têm local adequado em casa para estudar e/ou assistir aulas online, 99% possuem celular, no entanto, destes apenas 43% possuem acesso satisfatório a internet no celular (dados móveis). Os demais não têm acesso (18,2%) ou possuem poucos dados móveis para o acesso às aulas online (38,4%).

Ainda sobre a pesquisa, 68,7% dos participantes que possuem celular não têm acesso ilimitado às redes de informações e comunicação (Whatsapp, Instagram, Facebook, Gmail, Youtube, Google Meet e outros) usando a rede de dados móveis. No que concerne ao retorno das aulas, apesar de 68,7% considerarem importante o retorno delas, a porcentagem de discentes que responderam que de fato gostariam de voltar às atividades no formato online foi de apenas 49,5%. Os outros 50,5% não gostariam de voltar às aulas neste formato, mas desse total, 33,3% disseram concordar com o retorno daqueles que podem e querem. Quanto a oferta das atividades online, 66,7% acham impossível ter 100% de carga horária de uma aula online e 79,8% dos participantes concordaram em receber as aulas assíncronas por meio do WhatsApp, Facebook, ou outro meio de rede social e conversar com o professor por meio de tais redes sociais para sanar suas dúvidas.

Diante desses questionamentos, percebemos a importância da instituição junto aos órgãos competentes no sentido de adotarem medidas que contribuam para o ensino e aprendizagem dos educandos, tendo em vista que as tecnologias não podem ser sinônimo de exclusão e que os professores não a vejam como uma ameaça à educação, mas sim como uma ferramenta que irá contribuir para o aprendizado dos alunos.

Portanto, o ERE é uma prática passageira, dada a necessidade de sua implantação para atender a emergência educacional nesse período pandêmico. Contudo, a utilização maciça das tecnologias digitais nas instituições de ensino não pode ser considerada uma emergência, tendo em vista que as práticas de metodologias inovadoras serão intensificadas no âmbito educacional no pós-pandemia.

Considerações finais

Diante dessa pesquisa, ainda que parcialmente podemos concluir que o avanço da pandemia do Covid-19 no Brasil, com todas as suas implicações no campo educacional, trouxe limites e desafios com a implantação do ensino remoto, problemas que já estavam presentes na realidade da educação brasileira e só mostrou fraturas de maneira mais explícita. Desafios como a falta de acesso à internet e as tecnologias digitais tanto pelos professores como pelos alunos, dificuldades por parte dos (as) professores e alunos em utilizar os meios tecnológicos para acessar as aulas. Ficando evidente também a ausência de formação específica para grande parte dos docentes, no que diz respeito às experiências com as aulas remotas. Ainda podemos destacar a falta de apoio do governo sobretudo nas políticas públicas de acesso à internet e infraestrutura básica para viabilizar um estudo remoto de qualidade, principalmente nas instituições de ensino público e consequentemente nas regiões mais pobres do país, como as regiões Norte e Nordeste.

Destacamos sobretudo, a fragilidade do ensino no país que outrora já estava fragilizado, sobretudo na falta de comunicação entre as instituições e as secretarias de educação, a precariedade em disponibilizar as informações relacionadas aos conteúdos e dá apoio aos alunos em caso de dúvidas relacionadas às aulas. Entretanto, por mais desafiador e limitado que seja o ensino remoto tanto pelos educadores quanto pelos educandos em todas etapas de ensino, não podemos negar que nesse contexto pandêmico, houve a possibilidade do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, além da criação de uma série de aplicativos e plataformas digitais para que os professores pudessem se apropriar delas para ressignificar o seu papel de educador através das várias práticas inventivas que surgiram nesse contexto de pandemia, a partir de uma nova concepção de ensino, através de uma cultura compartilhada por meio das redes como: palestras, defesa de teses, rodas de conversas que passaram pelas lives como formas de stream (Youtube e outros), podcast e outros. Ou seja, em tempos tão obtusos o papel da Universidade foi central nesse período nos vários campos.

Referências

ARRUDA, Eucídio. Pimenta. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19**. Em Rede, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

ARDOINO, Jacques. **Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas**. Em J. G. Barbosa (Coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação (pp. 24-41). São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARRETO, Clara. **OMS declara doença pelo novo coronavírus como pandemia**. PEBMED, 2020. Disponível em: <https://pebmed.com.br/oms-declara-doenca-pelo-novo-coronavirus-como-pandemia/amp>. Acesso em: 02 de mar. 2021.

BRASIL. Portaria nº 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Ed. 53. Seção 1. P. 39. **Ministério da Educação. Diário oficial da união**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 01 de mar. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CAPE. Centro Acadêmico de Políticas estudantis. Relatório-prosta: Uso e acesso as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TIDICs) pelos discentes do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus universitário de Altamira, e Ensino Remoto Emergencial (ERE). CAPE/UFPA, 31/09/2020. Pdf. p.02-03.

Desafios do ensino de graduação em tempos de pandemia. SETEC-UFMT, 09/09/2020. Vídeo (1h 26min) **live**. Disponível em: <https://youtu.be/ULH3A0KLsJo>. Acesso em 02 fev. 2021. Participação de Ariane Norma de Menezes Sá, Isabel Marian Hartmann de Quadros, Lisiane Pereira de Jesus e Alexandre Martins dos Anjos.

Ensino superior na pandemia: da precarização das condições de ensino ao desconhecido desenvolvimento de comportamento. Seminário de ensino de análise do comportamento UFPR, 17/11/2020. Vídeo (2h 29 min) **live**. Disponível em: <https://youtu.be/x0uKR6x0y7I>. Acesso em: 04 fev. 2021. Participação de Hélder Lima Gusso, Jocelaine Martins da Silva, Renata Teixeira Parapinski, Ingrid Agassi, Camila Andreatta de Oliveira, Ingrid Agassi e Debora Thais Klein.

Formação de professores, educação online e democratização do acesso as redes [S.I] Congresso virtual UFBA, 21/05/2020. Vídeo (1h 30min 31s) **live**. Disponível em: <https://youtube/UDORKrHBiY>. Acesso em: 01 fev. 2021. Participação de Roberto Sidney Macedo, Edmea Oliveira dos Santos, Nelson de Lucca Pretto e Alessandra Santos Assis.

GIL, Antônio. Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://professores.faccat.br/.../como-elaborar-projeto-de-pesquisa-antonio-carlos>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

GOHN, Maria. da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval, pol. publ. Educ. Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, 2006.

GUSSO. Hélder. Lima *et al* (2020). Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes a gestão universitária. **Revista educação e sociedade. Debates e polêmicas**. Campinas, v. 41. 2020. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=ensino+superior+em+tem

[pos+de+pandemia%3A+diretrizes+a+gest%C3%A3o+uniersit%C3%A1ria&btnG](#). Acesso em: 24 de jul. 2021.

Impactos da pandemia na educação superior. Fórum online: CAC UFMG, 29/05/2020. Vídeo (1h 51min) **live**. Disponível em: <https://youtu.be/F48G2D2TkFg>. Acesso em 01 de fev.2021. Participação de Sandra Regina Goulart Almeida, Benigna Maria de Oliveira, Carlos Roberto Jamil Cury, Cristina Alves, Bernardo Gonçalves Alfredo.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- Ipea analisa estratégias para universalizar o ensino remoto na pandemia. Folha de estado da Bahia. Set. de 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?optio=com-content&view=article&d=36582&catid=131>. Acesso em: 06 de mar.2021.

LARROSA, Jorge. Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiencial. **Revista Brasileira de Educação**. Espanha. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 de jul.202.

LE MOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

NÓVOA, Antônio. **Concepção e práticas da formação contínua de professores**. In Nóvoa, Antônio (org.). Formação contínua de professores: realidade e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

MARTINS, João. Batista. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. Sciello Brasil. Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de educação**. p. 85-87.2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/v8cxLQ39KjGqKBChvXQSg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 de mar. 2021.

SANTOS, Edmea. Notícias: #lives de maio...educações em tempos de pandemia. **Revista docência e cibercultura**. Rio de Janeiro. p. 07. 2020. Pdf. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1109>. Acesso em: 05 de juh. 2021.

UFPA em tempos de crise. Adufpa- Pará, 08/06/2020. Vídeo (2h 05 min) **live**. Disponível em: <https://youtu.be/WBWPxwKbKx0>. Acesso em: 03 fev. 2021. Participação de Emmanuel Tourinho, Gilberto Marques, Edivania Alves, Tais Ranieri e Tarsila Amoras.

ZENHA, Leonardo; CORREA, Juliane; ALMEIDA, Doriedson. Tecnologia e educação: integrando experiência e investigação no contexto amazônico. **Revista docência e cibercultura**. Rio de Janeiro. V.05. n.01. p. 05. 2021. Pdf. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/57233>. Acesso em: 10 de jul.2021.